

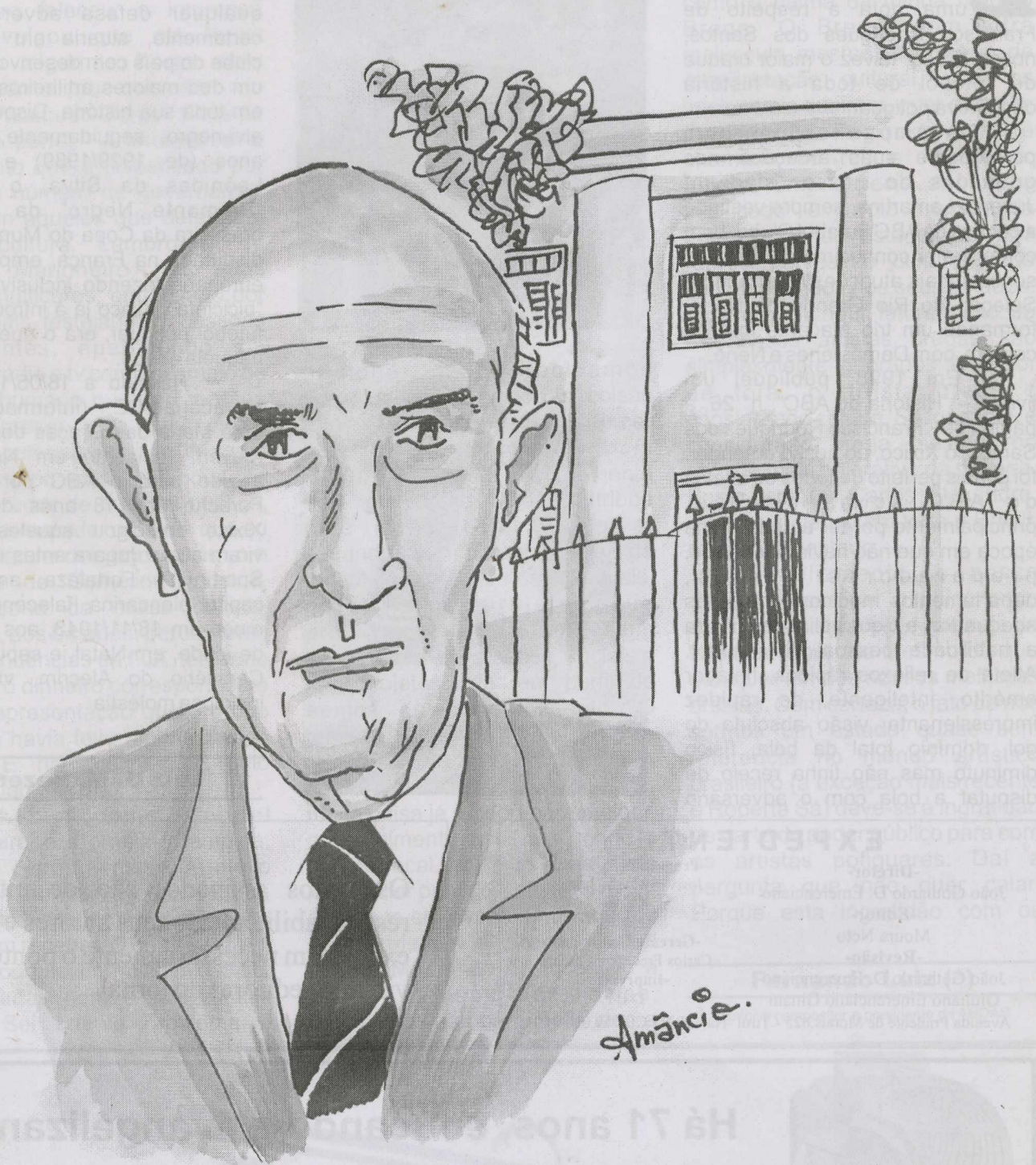
O Potiguar

Ano XI

Nº 49

Dezembro 2007

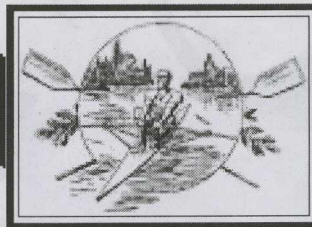
Distribuição Gratuita



MANOEL RODRIGUES DE MELO
O cronista do vale do Assu

DESPORTISTAS INOLVIDÁVEIS

xixico



Li a página 8, do Diário de Natal, edição de 26/02/2000, uma nota a respeito de Francisco Rodrigues dos Santos, nosso Xixico, talvez o maior craque de futebol de toda a história desportiva potiguar.

Acompanhei um bom período de suas atuações nos gramados do nosso "stadium" Juvenal Lamartine, sempre vestindo a camisa do ABC Futebol Clube, bem como tomei conhecimento de suas sensacionais atuações integrando a Seleção do Rio Grande do Norte, formando um trio atacante fora do comum, com Demóstenes e Nenê.

Em 1998, publiquei um livreto – "História do ABC", nº 26, à página 30: "Francisco Rodrigues dos Santos, o Xixico, ao nosso entender, foi o mais perfeito de todos os atletas do ABC acima citados, principalmente por ter atuado numa época em que não haviam técnicos, preparadores físicos, departamentos médicos, gramados adequados, e o que valia mesmo era a habilidade pessoal do jogador. Atleta de reflexos rápidos, fintador emérito, inteligente, de rapidez impressionante, visão absoluta do gol, domínio total da bola, físico diminuto mas não tinha receio de disputar a bola com o adversário



mais viril, Xixico estava sempre a grande área e era o terror para qualquer defesa adversária e, certamente, atuaria em qualquer clube do país com desenvoltura. Foi um dos maiores artilheiros do ABC em toda sua história. Disputou pelo alvi-negro, seguidamente, por 10 anos (de 1929/1939) e quando Leônidas da Silva, o famoso "Diamante Negro" da seleção brasileira da Copa do Mundo/1938, disputada na França, empolgou os europeus fazendo inclusive gol de "bicicleta", Xixico já a introduzira no futebol potiguar, era o que se dizia naquela época.

Nascido a 18/05/1912, em Maracanaú/CE, (informações da irmã Maria das Graças dos Santos Kluven, residente em Natal), foi trazido para o ABC por Vicente Farache aos 18 anos de idade, Xixico empolgou aqueles que o viram atuar. Jogara antes no Ceará Sporting e Fortaleza, ambos da capital alencarina, falecendo ainda moço em 18/11/1943, aos 32 anos de idade, em Natal, e sepultado no Cemitério do Alecrim, vítima de insidiosa moléstia

Luiz G. M. Bezerra

EXPEDIENTE

-Diretor-
João Gothardo D. Emerenciano

-Editor-
Moura Neto

-Revisão-
João Gothardo D. Emerenciano
Giuliano Emerenciano Ginani

Avenida Prudente de Moraes, 625 - Tirol - Natal/RN - CEP 59 020-400

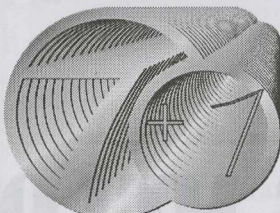
-Programação Visual-

Josivan Ribeiro Justino
-Capa-
Amâncio

-Gerente Comercial-
Carlos Frederico Câmara

-Impressão-
DEI

Os textos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores e não expressam necessariamente o ponto de vista dos editores do jornal



**SALESIANO
NATAL**

**Há 71 anos, educando e evangelizando
a juventude potiguar.**

Largo Dom Bosco, 335 - Ribeira - CEP 59.012-530 - Natal/RN - Tel.: (84) 3211-4220/ 4431- Fax: (84) 3611-1027

E-mail: salenatal1@digi.com.br - Home page: www.salesianonatal.com.br

Porque esta ingratitude?

Há alguns dias, ao ler pela internet um artigo sobre o descaso do poder público em nível nacional, com relação aos artistas populares, me lembrei que, à época em que Manoel Marinheiro faleceu, a imprensa local divulgou que ele havia passado algumas horas sem atendimento no corredor do Hospital Walfredo Gurgel. Caos da saúde à parte, é lamentável o tratamento que é dispensado por um bom número de governantes para com aqueles que defendem nossa cultura. Lembro-me de Manoel Marinheiro, nas suas vestes multicores, endeusado por intelectuais, festejado por pessoas importantes, aparecendo em jornais, rádio e tv como exemplo de um ser humano que dedicou sua vida à preservação dos nossos valores culturais. Mas a imagem do seu corpo inerte, abandonado num corredor de hospital público, leva-me a recordar o dia em que eu cruzei, há uns dois anos atrás com a figura de Cornélio Campina, outro ícone da nossa cultura, sozinho, aos 94 anos, percorrendo as dependências da FJA, tentando receber o dinheiro correspondente a uma apresentação que o grupo Araruna havia feito alguns meses antes. E não conseguiu (pelo menos naquele dia)."

Assim como Manoel Marinheiro e Cornélio Campina, existem outros nomes que muito representam para nossa cultura, mas não recebem o apoio que deveriam receber. O que se faz por eles é pouquíssimo. São migalhas, comparadas com a importância deles. Sei que o problema é



Manoel Marinheiro

nacional, mas precisamos começar consertando as coisas aqui. O primeiro passo é torcer para que a programa **Mais Cultura**, lançado recentemente pelo presidente Lula, contribua para mudar este quadro. O segundo é lutar para que as leis de Incentivo à Cultura, nos três níveis, contemplem projetos que promovam a arte como um instrumento de alcance social, e não projetos que têm perfil de eventos de entretenimento. O terceiro é começar a valorizar a os talentos locais.

Nos últimos dois anos, muita coisa já mudou para melhor, principalmente em Natal, onde o talento local tem sido prestigiado pelo poder público, com uma maior presença em eventos promovidos pela Prefeitura e através da Lei Djalma Maranhão de Incentivo à Cultura.. Mas, além disso, precisamos também aprender a

nos orgulhar dos nossos artistas, principalmente aqueles que são referenciais em determinados setores da nossa cena cultural. Vou dar um exemplo prático dentro de um segmento que conheço como a palma da minha mão, o Brega. O Brega (com letra maiúscula mesmo) é um tipo de manifestação cultural, quer os intelectuais queiram, quer não. Em Pernambuco, Reginaldo Rossi é chamado de rei, e no Ceará, Falcão, uma espécie de "brega falsificado" é garoto propaganda do governo do estado. Os dois representantes da cultura brega são respeitados nos seus estados. Quando vêm aqui, faturam alto. Já os nossos artistas bregas são simplesmente ignorados. Aqui, for de fora, o artista brega é considerado chique. Se for daqui, é considerado brega mesmo, no sentido mais pejorativo da palavra. Basta lembrar Carlos Alexandre, que era sucesso em todo o Brasil, mas no seu estado...

Infelizmente, o nosso estado parece ser o único onde qualquer artista, desde que seja de fora, é melhor até mesmo do que qualquer um dos nossos melhores artistas. Com certeza, o fato de nós sermos um estado quase sem referencia no mundo artístico brasileiro (a exceção mais recente é Roberta Sá) deve-se à ingratitude de parte do poder público para com os artistas potiguares. Daí a pergunta que não quer calar: Porque esta ingratitude com os

Fernando Luiz (*)

*cantor e compositor e presidente da ANDAR



**FUNDAÇÃO CULTURAL
Capitania das Artes**






Funcarte@natal.rn.gov.br - Fone: (84) 3232-4956

Comemoração do 359º aniversário de Dom Antônio Felipe Camarão



Holanda. Rebelado contra o governo protestante, ao lado de Fernandes Viera e Henrique Dias lhes causaram várias derrotas obrigando aos holandeses a se confinarem nas redondezas de Recife. Com seus mal armados soldados venceu dois grandes oficiais holandeses. Von Scoop lamentava haver obtido grandes vitórias na Europa só vindo a ser derrotado no Brasil por uma tropa indígena.

Sabia ler e escrever com letras bem desenhada em português, espanhol, tupi e latim, havendo várias cartas que escreveu usando linguagem rebuscada. Durante a 1ª Batalha dos Guararapes comandou a ala direita das tropas brasileiras formadas por 2000 combatentes mestiços, indígenas e negros mal armados, os quais venceram 5000 soldados europeus munidos dos melhores equipamentos bélicos daquela época. De pequena estatura, grande coragem e calma, o invencível potiguara combatera febril se recolhendo ao seu sítio na Várzea, faleceu depois de três meses, no dia 24 de agosto de 1648.

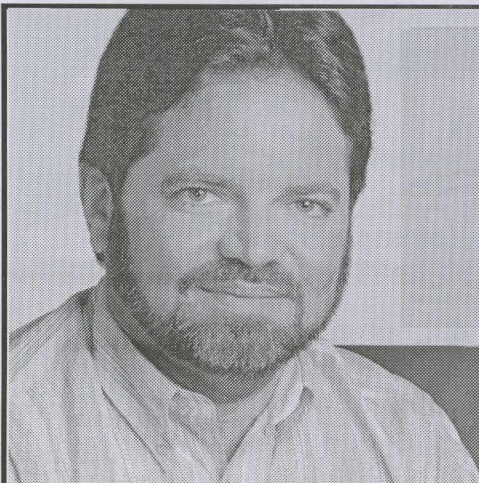
Próximo ao conjunto Soledade, na Zona Norte, existe uma grande torre e próximo dela existiu a capela de N. S. da Soledade, inaugurada a 13 de junho de 1612, dia do batismo do índio Poti (camarão), que seria depois fidalgo, cavaleiro da Ordem da Cruz e do Moinho de Sucre, Capitão General e Governador de todos os índios do Brasil, o qual naquela data recebia o nome do santo do dia, o do rei de Espanha e Portugal e seu nome

na língua portuguesa.

Órfão aos 16 anos, é levado pelos jesuítas para Pernambuco. Ao lado do índio jesuíta Manoel de Moraes, se apresentaram com um grupo de potiguares, ao Capitão-Mor de Pernambuco, Matias de Albuquerque. Armados de espadas, suas setas e alguns arcabuzes de mecha passaram a infernizar a vida dos holandeses principalmente depois que Portugal passou o Nordeste brasileiro legalmente para a

Aucides Sales (*)

*Militante do Movimento Indígena Potiguara



CULTURA HOJE - PONTE PARA O FUTURO E A LIBERDADE

VEREADOR
EMILSON

Manoel Dantas Homem de sete instrumentos

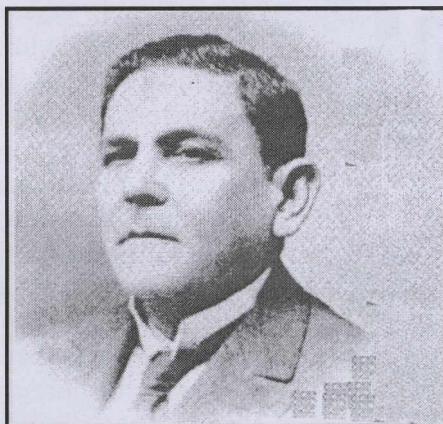
Em Natal do início do século XX, um seridoense com sua máquina fotográfica registrou o cotidiano da capital potiguar. Se eventos e paisagens urbanas da cidade antiga, podem ser vistas hoje, é graças ao “homem de sete instrumentos”: Manoel Dantas, como definiu o Dr. Manoel Onofre.

Manoel Gomes de Medeiros Dantas, nasceu no Seridó, em 26-04-1867 e faleceu em junho de 1924. Menino, ainda em Caicó, recebeu de sua avó maternal as primeiras “lições do abc”, iniciando deste modo uma longa caminhada que lhe faria, jornalista, geógrafo, historiador, educador, jurista, tribuno e escritor.

Manoel Dantas, estudante em Caicó, já demonstrava uma personalidade forte, de líder, e de pensamento moderno, antenado com o que acontecia na sua “aldeia” e no mundo. Fundou na Cidade de Santana “O Povo”, jornal de orientação republicana, que circulou de 1889 a 1892. É neste clima de agitação política, com a ascensão da República, que o filho de uma das famílias mais tradicionais do Seridó norte-rio-grandense, diplomou-se bacharel pela Faculdade de Direito do Recife, em 1890.

Formado em direito, exerceu o cargo de promotor nas comarcas de Jardim do Seridó e Acari. No campo da justiça foi o primeiro juiz federal, sendo o responsável pela implantação desta instância do judiciário em terras potiguares. Foi juiz federal de 1891 a 1897.

Homem público de intensa atividade na capital Potiguar, Manoel Dantas exerceu por duas vezes a função de diretor da Instrução Pública (1897-1905 /1911 -1924), deixando sua



marca de inovador e de educador forjado nas aulas de geografia, ministradas no ATENEU. Segundo Veríssimo de Melo, foi o primeiro mestre a dar lições de lavoura mecânica, acrescentando as vantagens da adubação das terras, seleção de sementes, rotação e mecanização do trabalho do campo.

Para o professor Tarcísio Gurgel, Manoel Dantas é um dos nomes mais representativos da “Bele Époque” natalense, ainda de acordo com o estudioso das letras potiguares, era uma figura de aparente contradição, sertanejo de raiz, preocupado com seu lugar de origem: o Seridó; era igualmente um cosmopolita.

Em 1909, no Salão Nobre do Palácio do Governo (atual Palácio da Cultura), proferiu uma Conferência denominada “Natal daqui a cinquenta anos”, misto de fantasia, humor e previsões sobre Natal do futuro. O pesquisador Anchieta Fernandes, afirma que muito antes de defensores da natureza, de aquecimento global, Manoel Dantas defendia um plano de arborização para a cidade. Dentre as previsões feitas em sua memorável Conferência, dizia: “Natal moderna, bela e radiante, com suas avenidas,

parques e praças, com suas árvores, muitas árvores, sombreando o asfalto e oxigenando o ar”.Este era Manoel Dantas, ao tempo em que propunha uma cidade moderna, com trens transcontinentais, não esquecia do ser humano e do meio ambiente.

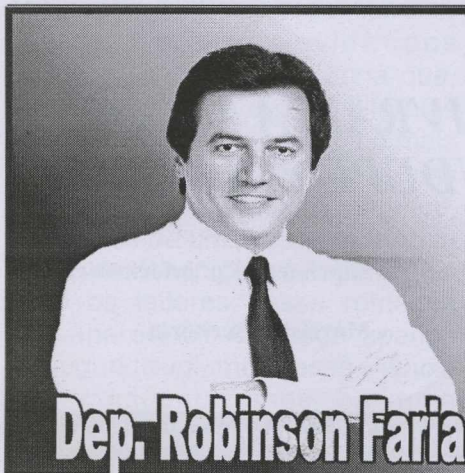
A frente da Intendência Municipal de Natal, não contou com o tempo necessário para executar suas idéias, seus projetos de cidade. A morte chegou cedo, com apenas cinquenta e sete anos, interrompendo a trajetória de um dos intelectuais mais brilhantes que a terra dos Potiguara já conheceu.

Apesar da curta existência temporal, Manoel Dantas é atemporal, ficou eternizado através de suas ações, em todas as áreas que atuou deixou sua marca de homem sintonizado com seu tempo. Pesquisador incansável, foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. De sua produção destacam-se “Homens de Outr’ora”, publicação fundamental para quem estuda os costumes da sociedade norte-riograndense do século XIX e sua Conferência: “Natal daqui a cinquenta anos”, texto de grande beleza literária e de leitura obrigatória para todos os pesquisadores da evolução urbana da cidade de Câmara Cascudo.

Manoel Dantas, o homem de sete instrumento, registrou com sua máquina fotográfica Natal do passado, paisagens e eventos. Fotografias que são, hoje, fontes fundamentais na construção da nossa memória. Devemos a este seridoense o reconhecimento das novas gerações

Luciano Fábio D. Capristano*

(*)Historiador/SEMURB

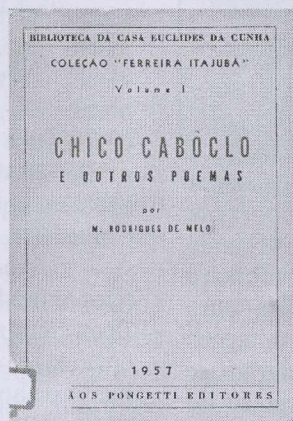


Dep. Robinson Faria

**É PRESENTE.
É FUTURO.**



Canto da Ema



Alvorecer

X

Inda se vê pela amplidão
A luz opaca das estrelas
E o astro-rei que faz clarão
Começa logo a interrompê-las.

Além, nos morros alvadíos,
Desponta o sol – todo clarão!
E os bentevís mansos, vadios,
Se vão cantando em profusão.

Chico Caboclo está com frio,
Sentado à beira do fogão!
Desponta o sol, vai para o rio,
Levando ao ombro um cabação.

Cantando vai um desafio,
Trovas do vate Riachão;
Chico Caboclo sente frio,
Menos na voz do coração.

Manoel Rodrigues de Melo

Tristeza de Chico Caboclo

XIII

Lá se vão pelo ar, levados pelo vento,
Uns finos tons de luz, uns raios de sol pôr...
Deixando aqui, ali, por todo o isolamento,
Um cinzeiro que em tudo expande o seu palor!

Chico Caboclo cisma... olhando o firmamento,
E vê dentro de si um grande e estranho horror!
É que longe do bem, sente a todo momento,
A saudade que abraça e queima o seu amor.

Baixa a cabeça... pensa... olha em torno, olha o céu...
E ao longe uns breves tons de luz vê se escoarem,
A noite lança em tudo o seu profundo véu.

Chico Caboclo sofre... (ó sofrimento vão!...)
Quanto mais se ele visse essas tardes passarem
Como passa este amor que o leva a exaltação!

Manoel Rodrigues de Melo

Pendências...

Sob o formoso céu que te cobre e ilumina,
Vives como a cantar uma canção serena...
Desde o bosque ao jardim, do roçado á campina,
Deixas sempre exalar um cheiro que envenena!...

Minha Terra! Meu ninho azul, onde a bonina,
Aberta ao rubro sol da tarde, incita pena...
Tenho n'alma e terei mirrada e bem franzina
Uma saudade atroz que maltrata e condena!

Minha Terra! Meu berço amado eu te amo tanto,
Que se um dia o estilete agro da Dor vier
Matar-me, servirás de meu repouso Santo.

És o templo bendito, onde aprendi primeiro,
Entre o aroma sutil do brando malmequer
A divina canção dolente do vaqueiro!

Manoel Rodrigues de Melo

MAIS ANTIGO SEBO DE NATAL EM FUNCIONAMENTO

Cata Livros

DESDE 1970

Compra, venda e troca de livros, discos,
Cd's, fitas de vídeos e k7 usados.

Av. Xavier da Silveira, 67-A - Morro Branco
Rua Voluntários da Pátria, 631 - Centro
Rual Gal. Osório (Ao Lado do Hotel S. Paulo) - Centro
Fone: (84) 3201-9087

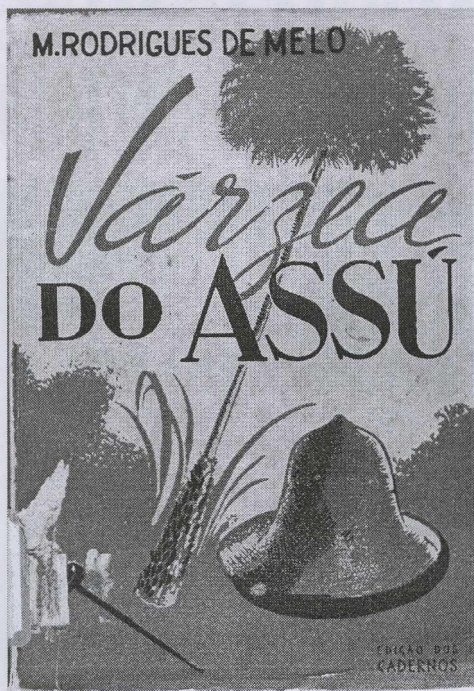
LIVRARIA INDEPENDÊNCIA

- Livros
- Suprimentos p/ informática
- Papelaria
- Móveis p/ escritório

Rua Amaro Barreto, 1243 - Alecrim - Natal/RN
fone/fax: (84) 3211-4966 / 3201-4100

M. Rodrigues de Melo: "Várzea do Assu"

Manuel Rodrigues de Melo não sub-titulou seu livro romance, conto ou crônicas. Deu-lhe, como indicação justa: Paisagens, tipos e costumes do Vale Assu. Não é um volume de imaginação. É um depoimento. Sua densidade é soberba de verdade e de força fiel. Nenhum livro apareceu, até abril de 1940, com tal riqueza de informes varzeanos, com tal ciência de minúcia, com detalhes registrados de maneira clara, simples, honesta. Sente-se que, aberta a comporta da reminiscência, cantaram impetuosas as águas represadas, livres em seu ímpeto veloz. É a confusão aparente, indico, para olhos limpos, de uma grande massa de notícias que se comprimia, impaciente, nos recantos da memória. Trabalho de varzeano, traduz idioma, modismo deliciosos, usados na paisagem espiritual onde o autor viveu. Todas as figuras que povoam Várzea do Assu vivem ou viveram. As ruas sem nomes dos povoados, os becos, as praças humildes, os pátios das fazendas que a seca de 1915 despovoou, todas as cenas de enchente e estiagem, luta de gado e de rio, plantio, pescaria, são modelos tomados ao original. A vida da várzea, cortada pelo rio imenso, posou para M. Rodrigues de Melo. Não será um foto à Lariev mas é um instantâneo verídico, exato, cuja Kodak não teve a objetiva escura pelo desejo de renome, além do sonho de prolongar sua terra pelas paisagens do seu livro. Que sabemos nós, do litoral e sertão, sobre a vida dos varzeanos do Assu, a zona que, de futuro, valerá duas Califórnia e três Virgínias? Apenas, há mais de meio século, Luís Carlos Lins Wanderley publicou um romance, *Mistérios de um homem rico*, cuja ação se desenrola no Assu. Quais são os leitores desse romance desaparecido? Conheço apenas o segundo volume. Nesse silêncio de cinquenta anos há uma solução de continuidade, inesperada, singela, mas decisiva



e nobre: é esse livro evocador, dolorido, emocional e sugestivo. Para criticar seu heroísmo, em escrevê-lo e publicá-lo, é obrigatório fixar pontos de referência. Quais são essas referências? Onde estão os livros descrevendo, com naturalidade e calor, a vida da várzea assuense?

É de notar a ausência das tarefas de carnaúba, corte de folhas, batida, fazimento de cera, seus processos. E quem nos diz que essa omissão não seria intencional? Que haja o autor reservado essa parte para outro ensaio, em que estude a organização tradicional do trabalho na população do Assu? Quantas curiosidades foram relevadas... E o vocabulário capitoso, entubibaram, fiota, pé de castelo, mulada, rupe, feder a fogo, marombos, trambecar, rebolada, de macambira vasqueira, dando para casa, deu de marcha, o cavalo acendeu as orelhas, desadorar, taipero de pilão, tenha tramém, que ouvimos, e m p r e g a m o s m a s n ã o escrevemos, assombrados com a fauna extinta dos gliptodontes gramaticais? E o verbo espírito, obsoleto e desusado em Portugal, comum aos clássicos, citado em Ferreira (Comédia do Bristo, c. v. do Voato) com a contratação ora em Deus em ti, e , na várzea do Assu, o bicho? É com parcimônia

que cito.

Não é menor a divulgação de hábitos que se tornaram como cerimônias, espécie litúrgica de gestos, indispensáveis a esse ou aquele ato. Nos bailes dos Mucaias há o cerimonial popular de oferecer bebida em que o pagador deverá liberar primeiramente. Tome! Não, dizia o companheiro, venha de lá. Não, pode tomá. Só então o parceiro bebe. Todos nós sabemos desse detalhe. Mas ninguém o escrevera ainda. E como esse, inúmeros. Pertencem, essas informações, ao domínio etnográfico, indispensável para o estudo da psicologia coletiva.

A retirada do gado, a derrubada do barbatão pelo vaqueiro Preto Ruivo, da fazenda Alemão, está como um retrato ao vivo: - Ao sair numa capoeira pequena e estreita, Preto Ruivo enrolou novamente. Enrolou e seguiu. Abrindo o cavalo para fora num ímpeto de raiva, sentou a mão na saia do barbatão, pegou o cavalo nas esporas e gritou ao bicho, jogando-o por cima de uns troncos de catingueira. É rápido, preciso, numa linguagem que será desconhecida aos que se iniciaram nas lides do sertão pastoril. Sentar, abrindo o cavalo, pegou nas esporas, saia do barbatão, gritou ao bicho, são mistérios para um praiano mas lembranças vivíssimas para quem residiu e ama a terra bravia do sertão de pedra.

É esse *Várzea do Assu* o primeiro livro do autor. Vale por um balanço de capacidade. Raros começam por essa forma, amando a vida e narrando-a sem disfarces e mentiras de estilo bolo-de-noiva ou pornografias convencionais de realismo.

M. Rodrigues de Melo não andou escrevendo a várzea do Assu. Andou filmando. E com a mais sensível, delicada e fiel das máquinas: - o coração...

Luís da Câmara Cascudo

Extraído de *O Livro das Velhas Figuras*, vol. VII, Sebo Vermelho, Natal, 2002

Manoel Rodrigues de Melo

Uma vida dedicada ao estudo de sua terra

O ano de 2007 marca o centenário de nascimento de MANOEL RODRIGUES DE MELO, um dos mais sinceros e autênticos intelectuais do Rio Grande do Norte. Sua obra não foi numerosa em quantidade, mas poucos escreveram tão aprofundadamente, com tanto conhecimento e amor por sua terra e sua gente. Merece, pois, as mais agradecidas homenagens de seu Estado.

Homenagear um escritor de seu porte só será possível a quem tiver um mínimo de acesso e conhecimento de sua obra. Daí o silêncio e omissão de muitas entidades, autoridades e instituições culturais. Ainda bem que o Instituto Histórico e Geográfico do RN – que foi honrado pela sua presença entre seus sócios – fará a sua parte, dedicando à sua memória uma sessão solene na noite de 13 de novembro corrente.

Qual a importância de Manoel Rodrigues de Melo na vida intelectual do Rio Grande do Norte?

Nascido a 7 de julho de 1907 na casa grande da fazenda “Queimado” – na várzea do Açú – era o quarto dos oito filhos de Manoel de Melo Andrade Filho e Maria Rodrigues de Melo. Teve a infância típica dos meninos do interior, ausente da influência das coisas das cidades grandes, mas crescido e alimentado pelo rico cabedal da sabedoria ingênua e ao mesmo tempo profunda de seus ancestrais. Vivendo num meio estritamente rural, aprendeu a conviver com os



rigores do clima, vivenciou as secas e fugiu das cheias e sofreu as conseqüências que a todos atingiam. O eixo de sua obra é, portanto, o reflexo de sua vida. A sua cultura brotou muito antes dos livros, do espontâneo contato com a terra e o povo, auferindo a sabedoria que refletem a lenta sedimentação de usos e costumes seculares.

Sua educação formal se deu longe das escolas burguesas, dos sofisticados ambientes, das pomposas bibliotecas. Não teve mais que estudos primários com modestos professores, escolas simples em Macau, continuação de estudos em Currais Novos, tudo nos limites que o tempo e a região impunham. Naquela cidade seridoense nasceu a sua primeira manifestação literária: redigiu e publicou o jornal

estudantil O PORVIR, datilografado, lançado em 1926, tendo ele 19 anos.

Uma referência mais detalhada à caminhada intelectual de Manoel Rodrigues de Melo alongaria por demais estes comentários. Melhor tentar o que mais interessa no momento: uma visão dos trabalhos que publicou. Tudo começou quando, depois de numerosa matéria em jornais e periódicos veio a publicar seu primeiro livro, em 1940: VÁRZEADO ASSU. Luís da Câmara Cascudo, em seu prefácio afirmou, indiscutível e definitivo: Manoel Rodrigues de Melo é o cronista da Várzea do Açú.

Quatro anos depois (1944) é a vez de PATRIARCAS E CARREIROS. Nesta obra se refletem as lembranças de sua infância distante, a evocação dos lentos carros-de-boi sulcando, vagarosamente, as ora secas, ora enlameadas estradas do seu rincão, e a monótona melodia do áspero rangido de suas rodas roçando os eixos de madeira. Revela-se, mais uma vez, o profundo conhecedor da sociologia rural, dos usos e costumes e, principalmente, dos homens que fizeram a vida dos rincões distantes do Estado.

1953 é o ano de CAVALO DE PAU. Evocando uma de suas brincadeiras prediletas quando criança, o escritor introduz o leitor na geografia humana do sertão norte-rio-grandense e o leva a um contato com suas emoções de menino sertanejo, sua

educação no severo sistema patriarcal, as lendas, o folclore, os tipos humanos que ainda viviam em sua memória. É mais uma preciosa contribuição para o estudo da cultura regional, alicerçada na vivência e experiência.

Uma pouco conhecida faceta da produção intelectual de Manoel Rodrigues de Melo é o seu lado de poeta. Foram poemas uma boa parte de sua colaboração quando mais jovem, em jornais e periódicos. CHICO CABOCLO E OUTROS POEMAS, cuja edição é dada a público em 1957, é uma retomada deste caminho que fora relegado a plano secundário frente aos estudos e pesquisas elaborados e publicados.

Um outro Manoel Rodrigues de Melo, agora como romancista se revela em um livro diferente: é a vez de TERRAS DE CAMUNDÁ, seu primeiro e único romance, publicado em 1972.

A paixão pelos jornais o levou a possuir uma rica coleção, composta até de exemplares raros da imprensa do Estado. Quantas vezes foi visto no Instituto Histórico, debruçado sobre um volume de velhos jornais, concentrado, a tomar

notas?... Deste longo e paciente trabalho resultaram dois livros que mostram o autor como pesquisador em novas áreas de ação. Em 1987 publicava-se o DICIONÁRIO DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO NORTE, logo tornado indispensável. A outra obra, assim como o DICIONÁRIO, era fruto de antigas pesquisas e estava já esquecido pelo autor, quando a pesquisadora Teresa Aranha encontrou na biblioteca do escritor os manuscritos de uma extensa bibliografia de autores norte-rio-grandenses, abordando desde os mais antigos até o ano de 1970, o que resultou na publicação, em 1994, de MEMÓRIA DO LIVRO

POTIGUAR.

Isto é apenas uma tentativa de se avaliar a importância deste intelectual e sua contribuição para o Estado. Por exigüidade de espaço não foi referida sua vasta colaboração em periódicos. E, se fosse abordada a sua vida como administrador de entidades culturais certamente haveria mais motivos para admiração e aplauso.

É, pois, Manoel Rodrigues de Melo, pela sua obra e vida retilínea e realizadora, um exemplo a ser admirado, digno das mais justas homenagens do povo a que tanto se dedicou.

Claudio Galvão

Bibliografia de Manoel Rodrigues de Melo

* 07.07.1907 + 29.02.1996

- 1 – VÁRZEA DO AÇU. 1ª edição: EDIGRAF – Edição dos Cadernos. São Paulo, 1940. Prefácio de Luis da Câmara Cascudo. 2ª edição: AGIR, Rio de Janeiro, 1951. 3ª edição: São Paulo, IBRASA, [Brasília], INL, 1979.
- 2 – PATRIARCAS E CARREIROS. 1ª edição: Editora Tradição, Recife, 1944. 2ª edição: Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1954. 3ª edição: Editora Universitária, Natal, 1985.
- 3 – CHICO CABOCLO E OUTROS POEMAS. Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1957.
- 4 – CAVALO DE PAU. Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1953.
- 5 – TERRAS DE CAMUNDÁ. Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1972.
- 6 – DICIONÁRIO DA IMPRENSA NO RIO GRANDE DO NORTE. Fundação José Augusto/Cortez Editora. Natal/São Paulo, 1987.
- 7 – MEMÓRIA DO LIVRO POTIGUAR. Editora Universitária, Natal, 1994.

A colaboração em periódicos pode ser encontrada em ARANHA, Terezinha – GALVÃO, Claudio. MANOEL RODRIGUES DE MELO – Biobibliografia 1926-1995. Editora da UFRN, Natal, 1995.

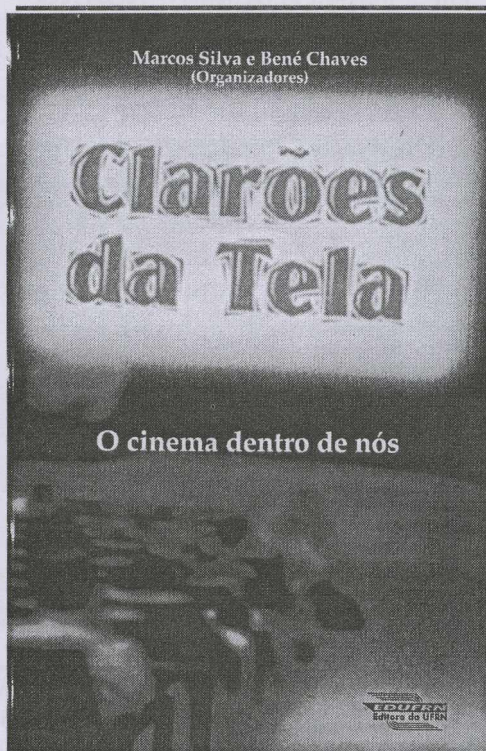


A sede própria da Academia Norte-Riograndense de Letras foi construída na gestão do presidente Manoel Rodrigues de Melo

Clarões da nossa crítica cinematográfica

Em 2006, foi publicado pela EDUFRN – Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, na primeira gestão do reitor José Ivonildo do Rego, e tendo Enilson Medeiros dos Santos como Diretor da referida editora, e Francisco Alves da Costa Sobrinho como Editor, o livro “Clarões da Tela/O Cinema Dentro de Nós”. Organizado em dupla por Marcos Silva e Bené Chaves, o livro é inusitado em sua metodologia estrutural: embora tenha os organizadores, é um livro escrito a várias mãos. São críticas, escritas nem sempre por reconhecidos críticos cinematográficos.

Na verdade, como está explicado na Apresentação por Marcos Silva e Bené, o livro nasceu como uma homenagem ao Cine-Clube Tirol, que atuou em Natal durante as décadas de 1960, 1970 e 1980 do século passado – e portanto, alguns dos comentários críticos trazem a assinatura de ex-cineclubistas. Mas, democraticamente, tem comentários até de gente que nunca tinha publicado texto nenhum. Alguns escreveram ou porque gostavam do filme, ou porque o filme era um cult

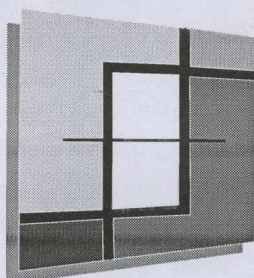


de sua geração (v. comentário sobre “O Selvagem da Motocicleta”, por Helder do Nascimento Viana), ou ainda porque o filme estava dentro do contexto do seu exercício profissional (v. comentário sobre “Olympia”, pelo casal de professores de Educação Física, José Pereira de Melo e Terezinha Petrucia Nóbrega).

Foram abordados 78 filmes, dentro do critério de 1 filme por diretor (embora muitos diretores tenham dirigido várias obras-primas), colocadas as análises críticas em ordem cronológica, começando pela análise de

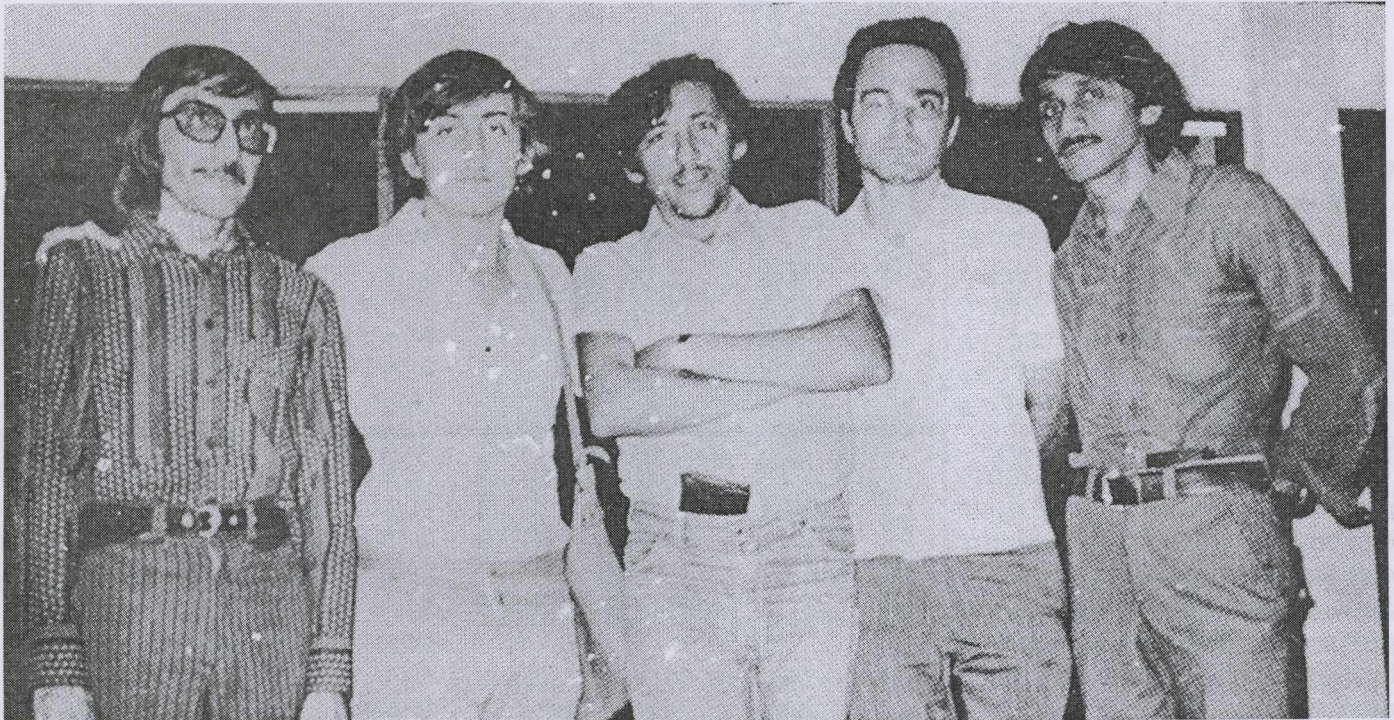
“Intolerância” (1916, Griffith) e terminando pela análise de “Fale Com Ela” (2002, Almodóvar). 68 foi o número de comentaristas. Alguns comentaram 1 filme, outros 2 filmes. Eu fui o comentarista mais abrangente (comentei 3 filmes: um de humor, um de drama e um de animação). Se não fosse monopolizador, eu gostaria até de ter comentado outros filmes, como “Sempre aos Domingos”, de Serge Bourguignon, ou o “Fantasia”, de Disney.

Por causa das diversidades de comentaristas, os estilos críticos são também os mais diversos. Existiu a crítica cinematográfica tout court, como por exemplo a do faroeste “No Tempo das Diligências”, onde o mestre Gilberto Stabili dá a escala dos planos, tempo de duração de cenas, importância de mudanças de expressões de protagonistas, além de referenciar a imagem do tipo de diretor que era John Ford, contando lances de sua biografia. Ao longo das páginas do livro, se lê críticas que são ensaios sociológicos (v. o comentário de Rogério Cruz sobre o filme “Terra”, de Dovzhenko, onde, curiosamente, o comentarista aproxima este filme de 1930 de



**FUNDAÇÃO
JOSÉ AUGUSTO**

Construindo cidadania cultural para
o povo potiguar com transparência
e democracia



Da esquerda para a direita: Anchieta Fernandes, Jota Medeiros, Falves Silva, Bené Chaves e Alderico Leandro

algumas problemáticas sociais do Brasil de hoje), outras que são crônicas nostálgicas sobre um tempo que passou (v. a crítica sobre "Juventude Transviada", por Teresa Maciel), outras que enfim apontam a revolução técnica de linguagem trazida com o filme (v. comentário de Jota Medeiros sobre "O Homem da Câmera").

Além das abordagens comuns dentro do gênero crítica cinematográfica, pelo menos em três momentos a leitura do filme é o crítico usando outro tipo de modelo textual, deixando no caso específico de ser um crítico, e sendo um contista (Geraldo Edson de Andrade com um conto sobre "A Felicidade não se Compra"); um entrevistado

em reportagem tipo pergunta/resposta (Falves da Silva, entrevistado por Marcos Silva sobre "Acossado"); um poeta (Jarbas Martins, com um poema visual sobre "Garrincha, Alegria do Povo").

Ler um livro como este é, aliás, visualizar os vários ângulos que a 7ª Arte trouxe à história da cultura humana. Antologia de textos inéditos (com exceção da crítica de Berilo Wanderley sobre "Lola Montés", texto resgastado de um número do jornal "Diário de Natal", em 1978), funciona quase pedagogicamente como uma visão da crítica cinematográfica contemporânea, e é bom que esteja em muitas bibliotecas. Quando não por outra razão, simplesmente porque contém

textos excelentes, como o de Fernando Pimenta sobre "Deus e o Diabo na Terra do Sol". Pediria, apenas, como leitor (reivindicação até de um dos autores de texto), que em próximas edições a revisão seja mais rigorosa, e não sejam constatadas lacunas como a inexistência de textos de orelha e de última capa, e também a inexistência de ilustrações fotográficas que complementassem algumas das críticas relativas a filmes/marcos ("O Encouraçado Potemkin", "Limite", "Cidadão Kane", "A Aventura", "2001: Uma Odisséia no Espaço").

Anchieta Fernandes

SEBO AMORIM
RUA PADRE GERMANO Nº 135 - NOVA DESCOBERTA
GALERIA DE ARTE - CDS - LIVROS - DISCOS - INSTRUMENTOS MUSICAIS
NOVO ENDEREÇO

NOVO ENDEREÇO

HOSPITAL DO CORAÇÃO
RUA CEL. ALBERTO SOARES
RUA PADRE GERMANO
RUA WALTER DA ALVEIRA
RUA NORTON CHAVES
CORREIOS
SEBO AMORIM
NOVA DESCOBERTA
PARQUE DAS DUNAS
BATALHÃO VISCONDE DE TAUNAY
7º BE Cmb
ACESSO A UFRN

Rua Padre Germano nº 135
Nova Descoberta
Tel. 3206.2790
Cel. 9973.9423

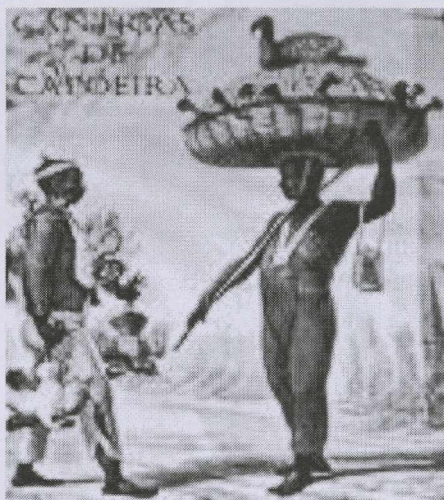
Profissões aposentadas

Várias foram as profissões desaparecidas em razão da ciência, da tecnologia e das facilidades apresentadas pelos supermercados, shopping center, lojas de elétricos domésticos, as quais preencheram todas as nossas necessidades domésticas e profissionais.

Não faz muito tempo, poderíamos encontrar nas ruas de Natal, vários trabalhadores que retiravam os seus sustentos através de uma variedade de profissões que hoje pareceriam hilariantes ou exóticas aos olhos dos nossos jovens.

Quem nasceu em meados do século XX, teve oportunidade de conhecer profissões que o progresso aposentou. Algumas dessas profissões, em casos esporádicos, buscam, poeticamente, resistir ao tempo, em uma luta infame e desigual, que normalmente são vencidas e derrotadas pelo desenvolvimento.

Hoje, como sexagenário posso lembrar: O *Garrafeiro*, que apregoava: “*garrafas, litro, meio-litro, quem tiver eu compro*”, pelas ruas de Natal numa musicalidade diferente, longe do medo das agressões e dos anúncios de assalto. O *Balaieiro*, que exercia suas atividades nas feiras livres e nos mercados públicos. Ele acompanhava o contratante até o final da compra, levando a mercadoria no local determinado, muitas vezes, até na residência do comprador. O



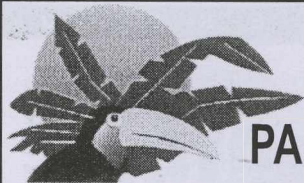
Cabeceiro, que se assemelhava ao *Balaieiro*, mas se diferenciava em razão da força empregada, por transportar volumes muito pesado. Um cabeceiro chamado “*Tarugo*” ficou famoso em Natal por transportar piano. O *Carvoeiro*, que abastecia a vizinhança. O carvão era armazenado em um galpão e vendido a granel, tanto para os fogões que antecederam os hoje alimentados a gás, como para aquecer os ferros de engomar. O *Lambe-Lambe*, fotógrafo ambulante presente em todas as praças, mercados públicos ou estações, com seus apetrechos que era um misto de máquina fotográfica e laboratório, onde ele, como num passo de mágica, guardava o tempo. O *Amolador* era uma figura bastante curiosa. Ele andava pelas ruas empurrando uma espécie de carro de madeira tendo apenas uma imensa roda. Ao encontrar um freguês, este carro se

transformava em oficina. A roda virava uma roldana que impulsionada por um pedal, fazia girar, através de uma correia, um esmeril com o qual ele realizava o afiamento de facas, tesouras e outros objetos cortantes. O *Vassoureiro*, que além de destacar a vassoura, carro chefe da sua venda, anunciava outros objetos pelas ruas e oitões da cidade do Natal. Um pregão ficou imortalizado na memória popular que dizia: “*Espanador, vasculhador, colher-de-pau, rapa-coco e greia (grelha)*”. E finalmente, o *Motorneiro*, que conduzia o bonde repleto de propagandas coladas nas divisórias existentes entre a cabine e os passageiros. Ao seu lado, o *Condutor*, que em lugar de conduzir, tinha a função de cobrar a passagem dos usuários, equilibrando-se nos estribos do saudosos transporte.

Estas são algumas profissões que o tempo aposentou em razão do desenvolvimento e do progresso da cidade. Por razões óbvias, procuramos, através desta roupagem descritiva, imortalizar estas ocupações cujos labores, residem hoje apenas nas lembranças dos que viveram em meados do Século XX, testemunhas oculares e saudosas dessas profissões aposentadas.

Manoel Procópio de Moura Júnior (*)

* Procurador, Escritor e Sócio Efetivo do IHG/RN



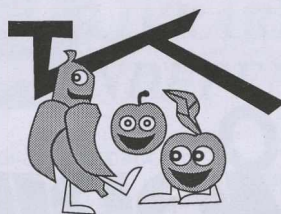
**Restaurante
PALADAR TROPICAL**

Self Service com
comidas regionais

**AOS SÁBADOS E DOMINGOS
BUFFET ESPECIAL**

**AV. PRUDENTE DE MORAIS, 1952
TIROL - FONE: (84) 3221-5475**

A Ki - Tanda



**DISKTANDA
3223-3161**

A SUA CASA DE FRUTAS E CARNES

**Av. Antônio Basílio, 2419 - Lagoa Nova - Natal/RN
Telefrutas / Telefax: (84) 3223-3161**

Aduana ecológica



Li outro dia, com boa dose de atenção, numa publicação do Unafisco, órgão que congrega os auditores fiscais da Receita Federal do Brasil, interessante matéria sobre a evolução da Aduana no Brasil, desde as Capitânicas Hereditárias até os dias correntes. Após, de modo percuciente, discorrer sobre as relações de troca entre nações através dos tempos, pelo que se depreende um Brasil quase sempre enredado nas tramas dos mais espertos, a matéria é finalizada com insinuações de que o mundo neoliberal marcha, *paradoxalmente*, para um sistema de muralhas aduaneiras, a proteger blocos de países e seus consumidores. Para os que não tem familiaridade com o termo, Aduana é o órgão oficial que destina a vigiar, mais especificamente do ponto de vista comercial, as fronteiras de determinado país.

Na mesma edição de informativo, logo adiante, deparei-me com números e conselhos acerca das “facilidades” que os empréstimos consignados podem proporcionar aos consumidores, alertando-os, contudo, sobre os riscos a que se expõe, face ao descaso das instituições financeiras, e até a euforia oficial ante a “façanha”, tudo

com vistas ao “ôba, ôba” do consumismo.

Nestes tempos inquietantes sobre os descontroles ambientais é de se questionar: o verdadeiro paradoxo não estaria configurado justamente no consumismo desenfreado e na ganância incontida do mercado, versus os limitados já escassos recursos naturais do nosso indigente e espoliado planeta?

Se pararmos para uma avaliação de nossos costumes, verificaremos, sem muito esforço, que nos encontramos cercados por coisas das quais dificilmente nos utilizamos. Inúmeros pares de sapatos, roupas em profusão, parafernália eletrônica cuja obsolescência se antecipa mais constantemente, gerando uma enxurrada de quinquilharias, que nos afoga na angústia e nos empurra rumo à melancolia, para nossa decepção particular e infortúnio do meio ambiente.

Numa análise conscienciosa constataremos que estamos a fazer aquilo que outrem nos induz, de modo bestial. Por que eu tenho que trocar meu carro, motivado quase que só pelo apelo com que a mídia, espertamente, me acena na figura de uma linda mulher, quando o modelo que possuo se acha em bom estado? O carro é um paradigma como

exemplo, mas serve para o resto do cipoal que nos enreda.

Na universidade, confesso, fiquei algo impressionado com o pensamento malthusiano, aquela história do crescimento geométrico da população frente aos meios de produção. A época, lá se vão trinta anos, aliviei-me, não de todo, graças aos “milagres” da tecnologia. Falso lenitivo, entendo agora. Já falta água, alimento, ambiente saudável, valores e mesmo vergonha na cara de muita gente. Em contrapartida sobra muita coisa. Além da “...glória de mandar, da vã cobiça...”, como impreca o Velho do Restelo, ali nos Lusíadas, sobra ainda muito lixo entulhando nossas vidas, como um triste painel a dizer da soberba escatologia que nos espera ao final.

Faço agora, por esses dias do tempo natalino, essa tola reflexão, preocupado ante a euforia consumista que a época proporciona. Talvez já seja hora de nos constituirmos em “aduanas”, não apenas para nossa particular proteção. A natureza e, quiçá, até mesmo Papai Noel, também irão agradecer.

Ubiratan Queiroz



Francisco Iglesias

**Imóveis e
Arquitetura**

CRECI 1089 - 17ª Região
CREA-GO 3009/D

www.iglesiasimoveis.com.br

contatos@iglesiasimoveis.com.br

Rua Pedro da Fonseca Filho, 8989 - Ponta Negra
CEP: 59090-080 - Natal/RN - Brasil
Telefax: 55 (84) 3219-4000 - Cel: 55 (84) 8865-8868



**GALVÃO
MESQUITA
ILUMINAÇÃO**

FONE: 3213-8656

WWW.GALVAOMESQUITA.COM.BR

iluminacao@galvaomesquita.com.br

Onde o Brasil nasceu...



Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda

O que me interessava em Porto Seguro, quando estive lá pela primeira vez, não era a cidade/balneário, tampouco a sua agitada vida noturna, mas, única e exclusivamente, o lugar saturado de História, berço do Brasil...

Numa tarde pude explorar a vilazinha tranqüila no alto da colina perto do mar. Duas ou três igrejas, uma destas – da Misericórdia (1526) – considerada a mais antiga do Brasil. Igrejas nada suntuosas, singelas. O Paço Municipal (Museu de Porto Seguro) causou-me boa impressão. No largo em frente, o marco colonial (1503), relíquia. Que mais? Pouca

coisa me vem à memória. Lembro-me da grande presença do mar, dos ventos assanhando as palmas dos coqueirais, na manhã verânica. Aquele mesmo mar assistira à chegada das naus de Cabral...

De outra vez me mandei para Porto Seguro a fim de curtir as praias do lugar, tão celebradas em verso e prosa. Era a estação das chuvas, e eu não sabia. Durante todo o tempo que passei lá – uns três dias, se bem me lembro – não deixou de cair uma neblina caningada chega doía nos nervos da gente. Ainda tive oportunidade de ir ao Arraial d'Ajuda, e, ensopado, mal pude ver a praça principal, suas velhas e humildes casinhas em

torno da Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda, ponto de devoções populares. De volta a Porto Seguro esperei em vão pelo sol. Recluso entre as quatro paredes do quarto da pousada – escolhida esta, por equívoco, em pleno centro – azucrinava-me o barulho infernal vindo da rua através das rótulas de enorme janela.

Pedí à gerência da pousada para mudar de quarto, e fui atendido. Deram-me um voltado para a área interna, mas nesta havia pequeno parque aquático, cujo serviço de som teimava em irradiar músicas bregas, a todo volume – debaixo da chuva miúda e interminável. Nem mesmo à noite tive sossego, pois uns estudantes, ali hospedados, em grupos, comemorando conclusão de curso, fizeram tremenda zoadá até ao amanhecer.

– Outra destas, nunca mais – foi o que disse a mim mesmo, quando, já no avião, de volta a Natal, tentava distinguir por entre o denso nevoeiro, alguma nesga que fosse das famosas praias de Porto Seguro

Manoel Onofre Jr

105anos ★

A mais antiga
Instituição Cultural do Estado

1902 * 2007

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DO RIO GRANDE DO NORTE

Offset
GRÁFICA

3211.1703

“Cuba 1997”

Como surgiu meu primeiro livro do artista



Foto: Candinha Bezerra

Em 1997, visitei Cuba, a acompanhando Fernando Bezerra em comitiva oficial. Na ocasião, havia uma possibilidade de poder estar com Fidel Castro, porém só os homens. Mas como sou teimosa (sou cabra ao cubo), insisti em acompanhá-los, até a sala de espera, para pelo menos ver o espaço onde o comandante despacha. Fui e ganhei! O próprio Presidente adentrou a

sala e convidou a todos presentes para participarem da audiência. Sentamos frente a frente em uma comprida mesa, onde ele conversava com Fernando e, de vez em quando, olhava para mim. Foram mais de 3 horas assim...

Quando fui abordada por Sânzia Pinheiro, para participar da exposição “Livro do Artista”, dentro da programação do II Encontro Natalense de Escritores, na

hora tive uma idéia: mostrar um pouco do que vi e o muito que aprendi em Cuba.

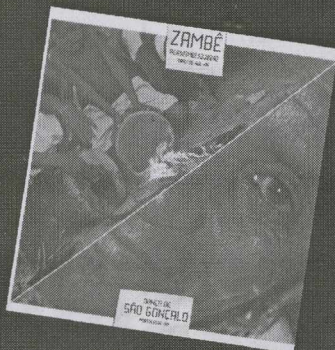
De repente, pude expor um pouco do meu acervo fotográfico que não se restringe apenas ao Rio Grande do Norte. Aqui estão algumas páginas do livro mostrado.

Candinha Bezerra

JÁ NAS LOJAS

PROJETO
N A Ç Ã O
Potiguar

nacaopotiguar@uol.com.br



Memória da cidade do Natal

Fonte: SEMURB



Comemoração do centenário da Revolução de 1817, na Praça Augusto Severo, bairro da Ribeira



Comemoração do centenário da Revolução de 1817, na Rua Frei Miguelinho, bairro da Ribeira

Desejo a todas as famílias da nossa cidade que a alegria vivida neste período de festas possa prosperar durante o ano de 2008. Que os natalenses sintam a esperança florescer em um novo amanhã, dando continuidade aos nossos sonhos de uma cidade cada vez mais iluminada e feliz.

CARLOS EDUARDO
PREFEITO DO NATAL